



# PEDIR CONTAS

COMUNICADO

2

13/OUT/79



Os nossos salários reais valem hoje menos 25% do que em 1974. Os desempregados atingem hoje o espantoso número de 600.000. Dividindo a dívida pública pela população activa, conclui-se que cada cidadão deve 75 contos a credores internos e externos.

Há que pedir contas desta situação.

*Pedir contas* – eis a atitude do trabalhador consciente que recusa a demagogia, que quer saber para onde o pretendem levar, que põe o dedo na conta que lhe apresentam para pagar, que interroga cada parcela dessa conta, que quer saber os porquês, que não está disposto a continuar a dar a sua confiança a quem apenas pretende explorar a sua boa-fé em proveito próprio.

Um povo que não pede contas, não só é esmagado e oprimido, como continuará a sê-lo. O futuro nada de bom lhe reserva. As coisas continuarão como são. Ao invés, um povo que pede contas, é um povo que está no bom caminho. Pode não estar ainda em medida de sacudir imediatamente a opressão, mas os tiranos têm os dias contados. Pode não estar ainda em medida de abolir de pronto a exploração, mas por certo vencerá. Um povo que pede contas é um povo que começa a pôr-se de pé. Nada poderá detê-lo!

Daqui a um mês e meio, todos sereis chamados a manifestar através do voto a vossa vontade política nas eleições para a Assembleia da República e para as autarquias locais. A quem ireis dar o vosso voto?

Para o decidir com plena consciência, é preciso começar por *pedir contas*.

Pedir contas a quem? Naturalmente que aos partidos representados na anterior Assembleia da República, que entre si partilham o poder. Começemos primeiro por perguntar que prometeram eles na campanha eleitoral de 1976.

“Nós queremos fazer o desenvolvimento acelerado da economia portuguesa, mas em benefício das classes trabalhadoras e não dos capitalistas” (Mário Soares). “O Partido Socialista quer resolver os problemas concretos do povo português” (Marcelo Curto). Os factos falam por si. Ficámos assim a saber que desnacionalizar e desintervencionar empresas, entregar terras aos latifundiários, submeter o país ao mando do FMI, engordar o exército e as polícias, agravar o desemprego e a miséria – tudo isso são para o PS outras tantas formas de “beneficiar as classes trabalhadoras” e “resolver os problemas concretos do povo”. De resto, só espíritos malévolos poderão negar que os capitalistas e outros parasitas se encontram reduzidos à mendicidade e que os trabalhadores não sabem que fazer de tanta prosperidade. Tudo em virtude das propriedades miraculosas do elixir que dá pelo nome de “socialismo em liberdade”.

Por seu turno, Freitas do Amaral sustentou em Abril de 1976 que o povo devia votar no CDS “porque é um Partido que apresenta um programa de reconstrução económica, real, competente, um programa capaz de arrancar o país à situação crítica em que se encontra”. O CDS teve oportunidade de mostrar às claras o que valia, pois ascendeu ao Governo demonstrando à sociedade a sua “competência” no que diz respeito a sancionar acordos ruinosos com o FMI e agravar a já crítica situação do país.

O PSD, também falou com desembaraço na abertura da campanha eleitoral de 1976: “Não queremos um Estado dono de tudo, mas não queremos também a economia do país nas mãos dos capitalistas”. Por si só, esta afirmação demonstra como, na altura em que a revolução conheceu o seu auge, os próprios partidos dos grandes capitalistas e dos grandes agrários tiveram de se declarar ferrenhos adversários do capitalismo. Hoje em dia, o PSD já julga inútil ostentar essa máscara, e prefere antes apresentar-se ao seu eleitorado como o grande partido de “iniciativa privada” – o que é, de facto, mais consentâneo com os interesses do grande capital que sistematicamente defendeu dentro e fora do parlamento.

E o P“C”P? Quanto a este partido, proclamou ao eleitorado: “afirmamos que o voto no P“C”P não é apenas o voto seguro e certo do ponto de vista político, mas é o voto seguro, certo, necessário e indispensável para que seja possível uma maioria de esquerda na Assembleia da República e, em consequência, a formação de um Governo de esquerda”. Na sequência das eleições, constituiu-se efectivamente no parlamento uma maioria PS/P“C”P e, todavia, esta assembleia só produziu governos e legislação de direita. Como se explica este facto? Segundo o P“C”P, a questão está toda em que o PS lhe roeu a corda, enganando-o actuando de concerto com as classes mais reaccionárias da nossa sociedade. Mas quem engole a história do P“C”P se ter deixado enganar como uma donzela ingénua? Evidentemente, o P“C”P não foi enganado! Quis sim, porque essa é a sua política, enganar e traír o povo. Na realidade, a chamada “maioria de esquerda” cumpriu cabalmente o papel que lhe fora

**PCTP - A ESQUERDA NA ASSEMBLEIA E NO PAÍS**

ABM



atribuído pelas classes exploradoras: foi uma mistificação útil para encobrir toda a política anti-popular dos sucessivos governos e gerar falsas ilusões no seio do povo.

Agora que, ao fim de três anos e meio, de novo os partidos burgueses voltam a apresentar-se perante os eleitores em busca do seu apoio, todos eles intentam sacudir a água do capote e alijar as suas responsabilidades.

Discursando recentemente em Pegões, o Dr. Mário Soares, cujo cândido desplante não podemos deixar de admirar, teve o descaramento de proclamar: "connosco, não há o perigo de vendermos gato por lebre". Quem tem cara para dizer isto não pode ser evidentemente tomado a sério. E, se a inspecção das actividades económicas ainda não se resolveu a fechar o restaurante de Mário Soares e Cia, onde não só se serve gato como ainda cão e ratazanas, isso apenas se deve à proverbial corrupção dos fiscais incumbidos de velar pela saúde pública.

O PS é responsável pelo que fizeram os governos em que esteve sozinho, mais aqueles em que esteve acompanhado, e ainda pelos outros onde não esteve directamente representado, mas que ainda assim fomentou, deixou passar e acarinhou.

E os outros partidos, acaso poderão invocar o facto de não terem estado no governo? Nenhum deles o pode fazer. O CDS passou por lá, e deixou tristes recordações. O PSD também esteve no poder por intermédio de Mota Pinto das gravatas às bolinhas. E, por último, o que é o executivo Pintassilgo senão a expressão quimicamente pura da aliança PS/P"C"P finalmente materializada em termos governativos?

Feitas as contas, tivemos governos PS sozinhos, PS/CDS, PS/PSD, e PS/P"C"P. O PS foi a todas mas nenhum dos restantes partidos burgueses deixou de fazer o gosto ao dedo. Todos são igualmente responsáveis, a todos há que pedir contas!

Dentro do parlamento, assistiu-se também a variações em torno de uma nota só, fenómeno que foi particularmente vizível quando o PS se encontrava só no Governo. As coisas passavam-se assim. O PS precisava de obter apoio para fazer passar o orçamento e o plano. Vai daí, fazia uma aliança com o PSD e o CDS para que o orçamento fosse aprovado; e fazia outra com o P"C"P para que o plano recebesse os necessários votos. Assim se vê como a "maioria de esquerda" e a "maioria de direita" não só não são antagónicas, como são mesmo complementares e indissociáveis. Dentro deste admirável sistema, cada partido pode continuar a enganar o seu eleitorado da forma que lhe é específica e entretanto a legislação reaccionária vai sendo aprovada com a vantagem de que no fim só o PS, partido no qual todos os partidos limpam os pés, parece ser o responsável por tudo o que se fez.

A duplicidade e hipocrisia dos partidos parlamentares não conhece de facto limites. O PSD criticou a forma como foi negociado o acordo com o FMI; mas, quando Mota Pinto ascendeu ao poder, passou a ser o mais intransigente campeão da aplicação da letra do acordo. O PS fez aprovar recentemente a sua lei do Serviço Nacional de Saúde; mas não consegue explicar a ninguém porque não o fez enquanto esteve no Governo e tinha possibilidades de pô-lo em prática. O CDS clama que as finanças do país estão exaustas e há que apertar o cinto; mas foi o principal entusiasta da atribuição de indemnizações aos capitalistas e latifundiários expropriados pelo movimento popular. O P"C"P diz que é contra a ruínosa política dos empréstimos externos; mas votou a favor das autorizações legislativas pedidas pelo governo Pintassilgo para contrair novos empréstimos!

Já nos íamos esquecendo da UDP! O que seria errado, dado que os artifícios da actuação desse grupo não podem ser avaliados pela diminuta dimensão da sua representação parlamentar. De facto, o deputado da UDP tinha, do ponto de vista da burguesia, uma missão essencial a cumprir – e cumpriu-a. Qual era essa missão? Nada mais nada menos do que dar ao povo uma ideia totalmente errada do que deva ser a actuação de um deputado revolucionário na Assembleia da República. Na ideia do grupelho do senhor Acácio Barreiros, a função de um deputado "revolucionário" é apenas a de declarar na Assembleia frases sonoras contra os "ricos" e admoestar os deputados burgueses, convidando-os a inflectirem a sua política.

Ora um deputado revolucionário não é nada disso. A sua presença deve antes ser uma forma de, explorando ao máximo as possibilidades abertas pela democracia burguesa, utilizar a Assembleia como uma tribuna através da qual uma fracção comunista, por pequena que seja, pode orientar e organizar as lutas populares dotando-as de perspectivas práticas de combate. O contrário disto foi a actuação do conselheiro Acácio, o qual, assimilando por completo a cretina e oca oratória parlamentar, se esmerou em produzir declarações tão inflamadas quanto inofensivas que apenas serviam para chamar o povo a integrar-se nas "grandiosas jornadas" promovidas pela Intersindical social-fascista. Podem estes partidos merecer a confiança do povo? Toda a gente conhece a resposta, e é por isso que os votos que cada partido burguês vai receber não serão expressão da confiança que o povo neles deposita, mas antes do facto de o eleitorado de cada um deles estar convencido de que os outros ainda são piores. Ora a verdade é que os partidos burgueses são todos piores uns que os outros.

Desde o 25 de Abril, temos sempre sido chamados a votar no "menor dos males". Mas o menor dos males, ou seja, a via da facilidade do socialismo pacífico e sem dor *revelou ser o pior dos males*.

Agora novos demagogos reaccionários, tentam embalar algumas pessoas desiludidas com a política dos partidos parlamentares e cansados das suas promessas, dizendo-lhes que o "menor dos males" será não votar e esperar que numa manhã de nevoeiro surja um salvador acima da política e acima das classes que se encarregue de "endireitar o país". Esse salvador não existe! E, se acaso vier a aparecer, não será para salvar o trabalho mas sim o capital.

O único salvador possível é o próprio povo. A sua única força estará em tomar consciência da sua própria força e em unir-se em torno do PCTP, o único partido que, nada concedendo à falsa popularidade ou à demagogia, está em condições de dar um rumo ao crescente descontentamento popular em direcção à democracia popular e ao Socialismo. Não é pelas eleições que se resolvem os problemas fundamentais do país. Mas, para que esses problemas possam vir a ser resolvidos, é *para já* necessário que a esquerda que trabalha e é oprimida esteja representada na próxima assembleia por forma a que possa alargar o seu campo de acção e despertar para a acção política largos sectores do povo iludidos pelos partidos traidores.

O PCTP é esse partido do futuro por que anseia a massa dos explorados. Convosco podemos vencer!

A CANDIDATURA DO PCTP/MRPP

ABM

ARQUIVO REGIONAL E

BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA